



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de posse da nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do
ABC**

São Bernardo do Campo-SP, 02 de agosto de 2008

Meus queridos companheiros e companheiras metalúrgicos,

Houve um tempo em que este país teve um presidente da República que, ao deixar o governo, disse que não gostava do cheiro do povo, preferia cheiro de cavalo. Eu estava ali sentado perto do povo, dentre os quais a minha mulher, e pensei: vou falar ali na frente para sentir mais o cheiro dessa categoria extraordinária que mudou a história política deste país.

Quero cumprimentar o recém-empossado presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, o companheiro Sérgio Nobre,

Quero cumprimentar o companheiro Jair Meneguelli, ex-presidente deste Sindicato, ex-presidente da CUT e hoje presidente do Sesi,

Quero cumprimentar o companheiro Vicentinho, ex-presidente deste Sindicato, ex-presidente da CUT e hoje deputado federal,

Quero cumprimentar o companheiro Guiba, ex-presidente deste Sindicato, e ex-presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Luiz Marinho, ex-presidente deste Sindicato, ex-presidente da CUT, ex-ministro da Previdência Social, e ex-ministro do Trabalho,

Quero cumprimentar o companheiro Artur, nosso companheiro presidente da CUT,

Quero cumprimentar a diretoria recém-empossada do Sindicato dos Metalúrgicos,

Quero cumprimentar o companheiro Grana, presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos,



Quero cumprimentar os companheiros e as companheiras do Conselho,
Quero cumprimentar os companheiros dos comitês de fábrica aqui presentes,

Chega de nominata. Segura aqui para mim.

Companheiros e companheiras, eu queria fazer uma pergunta: quem tem menos de 50 anos aqui, levante a mão. O Marinho levantou a mão? Levanta a mão, Marisa. Quem tem menos de 40 anos, levante a mão. Meu querido companheiro doutor Maurício, veja que vergonha: eu e você, mais a doutora Nêbia, que está aqui, já estávamos no Sindicato e a maioria absoluta aqui não tinha nem nascido ainda.

Vejam o que é a história: eu tomei posse pela primeira vez como diretor deste Sindicato, eu era delegado da Villares, no dia 24 de abril de 1969. Nem a Marisa eu conhecia. Só conhecia duas pessoas que estão aqui: a doutora Nêbia, que era dentista e ninguém tinha medo dela, que ainda hoje está no Sindicato, e o doutor Maurício, que era o conselheiro da diretoria e advogado do nosso Sindicato. Quarenta anos já se passaram desde que eu tomei posse.

Esta categoria evoluiu de forma extraordinária. Eu estou vendo aqui empresários como o Nildo Mancini, que na década de 70 negociava com o Sindicato. Ele representando a Fiesp, e eu representando os trabalhadores. Estou vendo aqui companheiros prefeitos, ex-prefeitos, a minha ministra do Turismo, a companheira Marta Suplicy, o Aldo Rebelo, ex-líder do governo e deputado federal, o nosso querido companheiro Gilson, primeiro prefeito de Diadema pelo PT, e o Feijóo estava falando – a companheira Sueli hoje tem uma dívida com o Feijóo, porque depois daquele “meu amor” que ele falou ali... Não foi mole o “meu amor” do Feijóo.

Quero cumprimentar os companheiros das centrais sindicais aqui presentes, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, dos Bancários, da Confederação dos Bancários, e quero cumprimentar o heroísmo



de vocês. Quando fui convidado para vir aqui, me disseram que o churrasco começaria a partir das 11 horas e à 1 hora teria o ato. Eu falei: “esse pessoal é louco, me dê uma carnezinha quente e um chopezinho gelado, para que eu quero ouvir discurso? Não vai ter ninguém”, mas as pessoas estão aqui. O Frei Chico está aqui? Onde está o Frei Chico? O Frei Chico é a razão pela qual eu entrei no Sindicato. Na verdade, era ele quem iria entrar. Pelo fato de ele não querer entrar, porque na fábrica dele já tinha um diretor de sindicato, eu então, afortunadamente, virei presidente da República e ele não virou. São coisas da vida.

Companheiros e companheiras, eu não quero estragar o dia de vocês com muitas palavras, mas queria dizer algumas coisas que eu considero essenciais. Estava vendo o Sérgio Nobre falar e me lembrei do discurso que eu fiz na posse do Marinho. Quando o Marinho fez o discurso de posse, eu tive, eu não sei se a coragem, Marinho, ou o ato de ignorância da minha parte, de dizer que o Marinho, de todos os presidentes do Sindicato, não era o melhor orador de porta de fábrica, mas certamente era o melhor organizador da categoria que nós íamos ter. O Marinho provou que embora não fosse um orador de fazer a companheirada chorar na porta de fábrica como o Vicentinho, ele provou ser, dentre todos nós, o mais importante articulador dessa categoria. É preciso fazer esse reconhecimento para justificar o discurso que eu fiz na posse do companheiro Marinho.

Ouvi o Sérgio Nobre falar agora, e se a gente ficar comparando com os discursos do Vicentinho, certamente a gente vai falar: o Sérgio Nobre não vai fazer a gente chorar na porta da Mercedes. Mas, vejam que engraçado: no meu tempo de presidente do Sindicato eram só 24 diretores, sete executivos e 17 delegados de fábrica. Hoje, a organização que nós conquistamos permite que a gente tenha uma Executiva, um Conselho que participa das decisões, e um extraordinário Comitê de Fábrica, que não pode permitir que a gente erre, como erramos no passado.



Naquele tempo, e é importante a imprensa registrar, porque o jornal Valor fez uma matéria há 15 dias, em que dizia que o Sindicato estava enfraquecido se comparado ao nosso tempo. Eu queria dizer para a imprensa: o Sindicato, hoje, é infinitamente mais forte do que foi no meu tempo, muito mais forte, muito mais organizado.

Naquele tempo, o Sindicato sobrevivia das emoções do momento político e das emoções e lágrimas da diretoria do Sindicato, aos enfrentamentos com a polícia. Para decretar uma greve era preciso 500 assembléias, a gente se matava para convencer. E, depois, ainda tinha piquete. Naquele tempo o trabalhador não andava com o jornal dentro da fábrica. Às vezes enfiava dentro das calças, enrolava na perna para entrar, porque senão era mandado embora. Naquele tempo – e é importante a imprensa registrar – para fazer uma greve, a gente fazia preparação de um mês de assembléia.

Hoje, o presidente do Sindicato não precisa fazer grandes assembléias. Ele convoca a diretoria, convoca o comitê e decide: vamos parar a Volkswagen, vamos parar a Mercedes, vamos parar a Ford. As empresas param, porque os trabalhadores hoje têm muito mais consciência política do que tinham na época em que eu era presidente do Sindicato. Aprenderam muito mais, conquistaram muito mais.

Essa é a diferença que faz os metalúrgicos do ABC serem diferentes de muitas outras categorias do Brasil. Não falo isso em demérito a nenhum sindicato. Mas é por isso que qualquer outro metalúrgico da indústria automobilística, no Brasil, ganha exatamente metade do que vocês ganham aqui no ABC. Vocês ganham porque são mais qualificados, porque se prepararam melhor. Vocês ganham porque não foi dádiva de nenhum empresário, foi conquista, passo a passo, milímetro a milímetro, dia após dia.

Essa é uma marca registrada desde 1959, quando este Sindicato foi dirigido pelo companheiro Afonso Monteiro. Desde essa época, este Sindicato



tem sido o mais importante e atuante deste país. É menos pela importância da minha diretoria, do Meneguelli, do Vicentinho, do Feijóo, do Marinho, do Guiba. É muito mais pelo alto grau de consciência política que vocês foram acumulando ao longo desses anos todos, e isso ninguém tira.

Peguem a história da humanidade e vejam em que lugar do mundo um operário foi eleito democraticamente para ser presidente da República. Vejam em que lugar do mundo um operário conseguiu sair das greves de um sindicato e virar presidente da República. Nós tivemos o Walesa, na Polônia, mas por uma outra razão: aquilo era luta anticomunista, era necessidade de acabar com o socialismo existente naquela época.

Vocês que acompanham, e eu agradeço sempre o papel da imprensa. A imprensa é a responsável pelo que sou, não porque fala bem de mim, mas porque fala mal de mim. Ela é responsável pelo que sou. Eu não peço para a imprensa nenhuma matéria favorável, eu só peço a verdade, a verdade nua e crua, doa a quem doer: errou, porrada; acertou, reconheçam o acerto.

Nós estamos fazendo crescer a economia há quatro anos seguidos. O emprego cresce como jamais cresceu neste país. O salário cresce, e este é o momento de vocês conquistarem salário. Aqui tem empresários amigos nossos em muitas horas, e adversários negociadores em outras. Vocês têm que saber: a hora em que a gente tem que ganhar aumento de salário é a hora em que as empresas estão ganhando dinheiro. Na hora em que elas estiverem tendo prejuízo o que vocês vão ganhar é desemprego. Essa é a hora de reivindicar salário, de aumentar as conquistas e de conquistar as coisas a que vocês têm direito. Eu peço desculpas, Sérgio, porque estou falando quase como presidente do Sindicato, mas é assim mesmo.

Agora nós estamos vivendo um momento meio preocupante. Por que preocupante? Ontem a indústria cresceu 6,3%, é um número muito significativo. Hoje eu peguei os quatro jornais mais importantes do País, só um deu na primeira página. Se fosse matéria negativa, teria dado em todos. Mas



não tem problema, eu confio no leitor brasileiro, eu confio nas pessoas que compram jornais, que compram revistas, que vêem televisão, que lêem comentaristas. Eu acredito na capacidade de discernimento das pessoas: quando é verdade, as pessoas sabem que é verdade, quando é mentira, as pessoas sabem que é mentira, quando é má-fé, as pessoas sabem que é má-fé.

Nós, agora, estamos vivendo um clima preocupante, com a crise americana. A crise americana ainda não está desnudada, ela ainda não apareceu, porque é uma crise muito violenta de crédito nos Estados Unidos. Não sei se vocês sabem, nos Estados Unidos a pessoa compra uma casa, e se essa casa valer 100 mil reais, a pessoa paga pela casa 100 mil reais. Se essa casa valorizar e o mercado disser que essa casa vale 150 mil reais, a pessoa pode tomar a diferença da valorização emprestada, no caso mais 50 mil reais, para gastar no consumo.

Acontece que todo mundo tomou dinheiro emprestado, as casas não se valorizaram, todo mundo não teve condições de pagar suas prestações, houve uma quebra de confiança e, até agora, não tem um pronunciamento do FMI, não tem um pronunciamento do Banco Central.

Ah, se fosse o Brasil! Ah, se fosse a Bolívia! Ah, se fosse a Venezuela! Ah, se fosse a Argentina que tivesse quebrado! Estava todo mundo dando palpite, estava todo mundo dizendo o que tinha que fazer. Eu fui agora a Tóquio, na reunião do G-8, ninguém falou nada, absolutamente ninguém. Eu estava lá, com os presidentes dos países mais importantes do mundo, e ninguém falou da crise americana, ninguém falou da quebra de confiança dos bancos europeus. Ninguém fala porque isso é segredo de Estado.

Agora, quem vai pagar a conta são os países pobres. Quem eles querem que pague a conta são os países pobres, porque muita gente que estava investindo em especulação imobiliária nos Estados Unidos, na verdade estava num cassino. Essa é a verdade, estavam jogando num cassino. Pois



bem, esses pularam para o mercado especulativo do petróleo e para o mercado especulativo de alimentos, e começaram a comprar no mercado futuro, a precificar os preços do petróleo e do alimento.

Nós, então, tivemos um fenômeno, uma inflação mundial. Uma inflação que pegou da China aos Estados Unidos, do Chile até a Índia, e pegou o Brasil. Só que o Brasil, desta vez, está mais preparado. Se fosse há oito anos, se os Estados Unidos espirrassem, a gente pegaria pneumonia. Agora, não. Agora nós estamos escolados, estamos preparados e estamos atentos.

Eu faço reunião com o meu pessoal da economia todo santo dia. Tomamos a decisão: contra a inflação, nós temos que aumentar a produção. Tivemos o maior programa agrícola da história deste país: 80 bilhões de reais de financiamento da agricultura. Fizemos o financiamento de 25 bilhões de reais para a agricultura familiar. Nós queremos que eles comprem 100 mil tratores até 2010, para a gente dobrar a produção agrícola na agricultura familiar deste país.

Se essa crise de alimentos é problema para alguns, para nós é uma oportunidade extraordinária: levar tecnologia e automação para o agricultor familiar. Nós não queremos mais que o agricultor do Nordeste e do Norte fique apenas plantando macaxeira para comer, ou feijãozinho de corda. Nós queremos é que ele tenha máquina para dobrar a produção, para diversificar a produção, para a gente alimentar o Brasil e o mundo.

Mas não é apenas isso. Nós instituímos uma coisa chamada Territórios da Cidadania. São quase dois mil municípios, os mais pobres do Brasil, aonde nós vamos chegar com a ação de 19 Ministérios para tratar da saúde, da educação, do crédito, da produção, do microcrédito, para que a gente transforme este país, de um país historicamente em desenvolvimento, para um país definitivamente desenvolvido.

Aí entra a questão da indústria. Aqui tem empresários que sabem que os investimentos que estão acontecendo no Brasil neste momento, há mais de 30



anos não aconteciam. Só de capital privado nós vamos ter, até 2012, já contratados, mais de 400 bilhões de dólares de investimento. Só nesses próximos meses, até março do ano que vem nós vamos anunciar, em primeiro lugar, quatro novas siderúrgicas, uma no Ceará, uma no Pará, uma no Maranhão e uma no Espírito Santo. Nós vamos anunciar mais uma refinaria da Petrobras, de 19 bilhões de dólares, 600 mil barris/dia para produzir gasolina *premium* para a gente exportar, lá no Maranhão. Mais uma de 300 mil litros/dia, lá no Ceará, para também explorar e exportar a nossa gasolina.

A Transnordestina nós estamos fazendo, ao todo são 4.700 quilômetros de ferrovia. Em março, nós vamos licitar o trem-bala, ligando Rio-São Paulo a Campinas, para a gente fazer em 1h20 e não precisar ficar no aeroporto esperando a vida inteira. É um investimento de 9 bilhões de dólares. Nós vamos fazer duas hidrelétricas no rio Madeira, são mais 6 bilhões de dólares – além da refinaria em Pernambuco – em parceria com a Venezuela. Portanto, a palavra de ordem deste governo para combater a inflação e a crise econômica americana é aumentar os investimentos em produção, gerar empregos, distribuir renda e melhorar a vida deste povo. Só a indústria automobilística que está aqui já anunciou 20 bilhões de dólares de investimentos até 2010. A Toyota vai abrir uma fábrica em Sorocaba, a Hyundai está pensando em abrir outra fábrica no Brasil. E é de grão em grão que a nossa galinhazinha vai enchendo o papo.

Digo sempre aos meus interlocutores: eu já vivi do lado de vocês. Sei o que é inflação a 80%, a 40% ao mês. Este país não pode se dar ao luxo de ter inflação por conta do aumento do preço do feijão. Nós vamos dobrar a produção de feijão. Este país não pode ter inflação por causa do preço do leite. Vamos dobrar, vamos fazer as vaquinhas, com muito carinho dar mais leite. Vamos levar tecnologia para a gente poder ter leite mais barato. O governo federal já fez isenção de todos os impostos do trigo e é preciso começar a perguntar para os padeiros por que no mercado o pão custa 10 centavos e na



padaria custa 24 centavos. Enquanto vocês não começarem a cobrar, eles não vão repassar a redução de imposto que nós demos para o preço do pão que vocês compram.

O brasileiro ficou muito tempo sem comprar carne, qual o problema que nós temos? Os chineses estão comendo carne. Imaginem 1 bilhão e 300 milhões de chinês, 1 bilhão e 100 milhões de indianos, 1 bilhão de africanos... No Nordeste brasileiro as pessoas estão comendo carne, e nós não temos gado para fornecer carne para todo mundo. No Nordeste nós comemos calango, preá e outras coisas mais que eu não posso falar por causa do meio ambiente. Mas eu quero dizer para vocês: um nordestino com fome come qualquer coisa, quem é da terrinha sabe.

Gente, eu queria dizer essas palavras para vocês. Nós estamos tomando os cuidados necessários. Quando tomei posse, em 2003, eu dizia: eu não posso errar. Qualquer presidente pode errar. O cara erra, fica quatro anos, vai embora para o exterior dar aula e aí esquece e volta outra vez. Eu não. Na hora em que eu sair de casa, eu e Marisa voltaremos para cá, pertinho do Sindicato, para ouvir vocês fazendo barulho às 5 horas da manhã na porta da Volkswagen e me acordar fazendo discurso na porta da Mercedes. Eu não posso errar por outra coisa: se um rico erra, é normal; se um intelectual erra, é normal; mas se um peão erra, eles vão dizer que peão não está preparado, vai levar mais 500 anos para a gente fazer outro peão presidente da República deste país, e nós não temos o direito de permitir que isso aconteça.

O companheiro João Felipe acabou de chegar. Estou vendo o João Felipe ali. Eu quero dizer para vocês, estejam certos de uma coisa: eu li na imprensa, quando cheguei em casa ontem à noite, que eu ia participar do primeiro ato político. Não é verdade. Eu queria a compreensão de vocês porque isso aqui é a posse da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. É uma diferença fantástica. Agora, quero dizer para vocês que terei imenso prazer de estar com a imprensa nos comícios que vou fazer para os candidatos



do PT aqui na região, nos comícios que vou fazer para a companheira Marta lá em São Paulo. Não pensem que não vou fazer, porque vou fazer. Não hoje, porque hoje o rei da festa é o Sérgio Nobre, que está tomando posse. É a ele que rendo as minhas homenagens e é por causa da posse dele que eu vim aqui.

Mas estejam certos de que, da mesma forma que quero eleger os meus companheiros prefeitos aqui, pessoas com quem eu tenho história, afinidades, compromissos ideológicos, eu quero dizer para vocês, escrevam: eu vou fazer a minha sucessão neste país e vamos eleger uma pessoa da nossa confiança para dar seqüência a tudo que nós fizemos, para gerar mais emprego do que eu, para tratar os pobres melhor do que eu, para tratar os trabalhadores melhor do que eu. Agora encontramos petróleo que não acaba mais. Desse petróleo, estejam certos, uma parte vai ser para cuidar da educação e a outra parte vai ser para cuidar dos pobres deste país e das regiões mais pobres deste país. Por isso, meus companheiros e companheiras, eu tenho dois anos e seis meses de mandato, vocês têm quatro, três anos de mandato. Portanto, eu quero ter a felicidade de repartir com vocês os sofrimentos e as glórias que nós vamos ter nesse próximo período, e eu espero que sejam mais glórias do que sofrimentos. Que Deus abençoe cada um de vocês, cada membro do Conselho e cada diretor.

Obrigado e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)